

Teste de progresso no curso de graduação em medicina do UNIFESO - a análise crítica do olhar do estudante em seu percurso histórico como estratégia de motivação da autoavaliação discente

Progress test into medical school in UNIFESO – student’s critical analysis and historical profile as a motivation self-assessment strategy

Laís Saldanha¹, Paula Pereira de Faria¹, Thuany Lacerda Baldim¹, Camille Pereira Caetano², Mariana Beatriz Arcuri³.

¹ Acadêmicas do Curso de Medicina do UNIFESO; ² Egressa do Curso de Medicina do UNIFESO; ³ Professora Titular do Curso de Medicina do UNIFESO.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar criticamente o papel do Teste de Progresso na autoavaliação dos estudantes do curso de medicina e propor ferramentas de motivação à avaliação formativa, a partir da visão discente sobre o mesmo, suas fragilidades e potencialidades, à luz da revisão das DCNs para o Curso de Medicina.

Palavras-chaves:

Abstract

This paper aims to review critically the role of the Progress Test into student’s self-assessment using the results obtained during the research and propose tools of enhance student’s motivation in self-evaluation, considering their point of view on it, its weaknesses and potentials, seeing in the light of the national curriculum guidelines reviewed to medical school.

Key-words:

INTRODUÇÃO

A formação dos médicos é tema de discussão nas Associações de Educação Médica, Conselhos Regionais e escolas há anos. As diretrizes curriculares nacionais têm há dez anos tentado nortear estas discussões e a própria formação de novos profissionais médicos. No Brasil, as diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Medicina seguem o contexto mundial de transformação de referenciais da educação e das políticas de

saúde (MEC, 2001; SOOD, 2012). As discussões sobre a formação médica, além de se voltarem para a revisão dos conteúdos curriculares, repensam as metodologias de ensino no sentido de torná-las mais adequadas ao perfil do profissional que se quer formar. O processo de mudança da educação traz inúmeros desafios, entre os quais romper com

estruturas cristalizadas e modelos de ensino tradicional e formar profissionais de saúde com competências que lhes permitam recuperar a dimensão essencial do cuidado: a relação entre humanos (ALVES, 2008; LAMPERT, 2009; PRÓ-SAÚDE, 2005). O Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO) é uma das instituições que se propôs a enfrentar esses desafios. Após mais de cinco anos de discussões dentro da Escola, no segundo semestre de 2005, iniciou-se um processo de implantação e desenvolvimento de um currículo médico integrado, norteado por competências. Neste contexto inovador e de enfrentamento dos desafios postos pela realidade dos serviços de saúde e pela sociedade observa-se, também, a permanente análise dos processos avaliativos através do “acompanhamento da eficiência, eficácia e efetividade da educação e do ensino”, bem como sua “relevância, pertinência e qualidade” (PPPI UNIFESO, 2006). Além disso, a Comissão Própria de Avaliação (CPA) apresentou, em seu Programa de Auto Avaliação Institucional (PAAI) 2012, um modelo de avaliação que possui em seu núcleo os cursos de graduação, incentivando assim a da instituição a partir dos cursos de graduação e de sua constante autoavaliação que segue o preconizado pelas políticas públicas (MEC, 2004; ALMEIDA, 2005; SINAES, 2007). A avaliação é um componente importante no processo educacional. Tradicionalmente, a avaliação tem como objetivo medir o desempenho do discente para sua aprovação. Porém, cada vez mais a avaliação formativa está ganhando espaço para melhorar a relação dos discentes com sua aprendizagem, aproximar os estudantes do olhar reflexivo sobre aquilo que se estuda e aprende e é neste contexto que surge o Teste de Progresso no Curso de Graduação em Medicina (TP). A avaliação formativa tem características informativa e reguladora, sendo de nenhum modo punitiva, fornecendo informações aos dois atores do processo de ensino-aprendizagem: ao docente e ao discente. Permite a identificação de potencialidades e fragilidades do percurso percorrido pelo estudante, sendo fundamental para fortalecer a

formação dos profissionais *em formação* (HOFFMANN, 2009; LUCKESI, 1995; PERRENOUD, 1999). O Teste de Progresso é considerado um instrumento de avaliação sem caráter de seleção ou classificação que tem como objetivo final avaliar se o ganho cognitivo do discente está contínuo e progressivo durante a graduação. Além disso, possibilita ao curso de graduação avaliar se o conhecimento está sendo consolidado nas áreas da medicina que constituem os importantes pilares para o aproveitamento do internato e a formação final de um médico (LANNES, 2014; ABEM, 2012). O TP permite a autoavaliação institucional, ao curso avaliar a relação entre o conteúdo e a grade curricular - pois o currículo vivo e praticado transita entre aquilo que é planejado e “ensinado” e aquilo que é efetivamente aprendido. Para o discente o TP serve como auto avaliação, mostrando seu progresso e domínio dos conteúdos, habilidades e competências esperados para um profissional recém formado. Além de permitir sua reflexão e identificar suas dificuldades, permitindo que ele promova planos de estudos para melhorar seu desempenho durante curso (MIRANDA, 2013). Como citado no Projeto da Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM), é importante lembrar que mesmo os estudantes obtendo escores elevados no TP, isso não exclui a existência de deficiências no domínio de outras habilidades, fazendo com que o TP seja apenas uma dentre as diversas ferramentas utilizadas no processo avaliativo do ensino-aprendizagem e do currículo (ABEM, 2012). Após estudar a trajetória do Curso de Medicina do UNIFESO no Teste de Progresso e a perspectiva do discente em relação a esta ferramenta, analisamos as fragilidades e potencialidades do TP como avaliação formativa no momento atual da revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso Médico a ponto de utilizar os resultados como motivadores da autoavaliação discente, contribuindo para a implantação do currículo integrado do Curso. Esse trabalho visa também o aperfeiçoamento do teste de progresso e conseqüentemente espera alcançar todo o potencial do TP no processo de ensino-aprendizagem na FMT. Queremos que não

somente os profissionais responsáveis por construí-lo saibam de sua importância, mas principalmente os discentes, pois é sobre eles que refletirá a consequência de um bom ou mal resultado e o ônus de não se autoavaliar.

METODOLOGIA

A percepção do corpo discente do Curso de Graduação em Medicina está representado em um conjunto de dados coletados durante o ano de 2014. Estes dados foram gerados através da análise das respostas a questionário aplicado a 343 estudantes (35,5%) do Curso de Graduação em Medicina durante 2014; todos regularmente matriculados, escolhidos aleatoriamente e divididos proporcionalmente entre o segundo e o décimo segundo períodos do Curso de Graduação. Todos os sujeitos convidados a participar desta pesquisa foram apresentados ao termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), depois de devidamente explicados os objetivos desta, esclarecidas quaisquer dúvidas sobre seu objetivo ou uso de resultados, conforme as normas vigentes do Comitê de Ética em Pesquisa para o trabalho com humanos do UNIFESO e a Resolução CNS 466/2012. Este trabalho foi aprovado – antes da coleta de dados – no CEP e encontra-se cadastrado na Plataforma Brasil. O questionário foi composto por questões fechadas, cujas respostas utilizaram, em sua maioria, escalas de valores (Likert *scale*). Os dados obtidos com sua aplicação foram tabulados e analisados com o auxílio do excel para Windows 7.

RESULTADOS

Foram escolhidos como norteadores de percepção: “os estudantes reconhecem a importância de se autoavaliar?”, “sabem a importância da aplicação do TP para sua formação e para o seu curso?”, “os estudantes entendem que é uma evolução para o seu curso e para a instituição a aplicação desse teste?”. Analisamos as respostas de cada questão para entender o porquê da adesão oscilante dos estudantes que, ao não comparecerem às discussões pós TP, perdem importante processo formativo. Buscamos qual a motivação dos

estudantes em participar do TP, e porque ao chegar próximo da conclusão do curso muitos estudantes apresentam receio em se autoavaliar. Também estudamos o impacto do teste de progresso na percepção de qualidade do curso de graduação em medicina. Pelos resultados, a discussão sobre o Teste de Progresso é considerada regular, ruim ou muito ruim, de acordo com a grande maioria - aproximadamente 65% dos respondentes. Tal fato nos permite questionar: “Será que para os alunos, apenas explicar o que é o Teste de Progresso, é o suficiente?”. O estímulo à realização do Teste de Progresso, é sim de fundamental importância, no entanto, não é o bastante. Explicações e esclarecimentos mais motivadores e que despertem o interesse dos estudantes, de modo que estes percebam o teste não somente como uma forma de mensurar, mas também de adquirir conhecimento deveriam ser instituídos, bem como a busca pela evolução em sua autoavaliação ao longo do curso. A inclusão do Tema “Teste de Progresso” em instrutorias e/ou tutorias a fim de elucidar dúvidas, discutir questões que possam fazer sentido e impulsionar a aprendizagem das competências de cada período e o acompanhamento da evolução das turmas como um todo de forma mais consistente, podem também ser úteis como ferramentas de apresentação e estímulo à realização desse, e até mesmo para outros testes, como a prova do ENADE.

O nível de conhecimento sobre o Teste de Progresso foi avaliado e identificamos que a grande maioria (80%) dos discentes reconhece como “precário” ou “regular” sua aproximação ao motivo de participar desta avaliação. Este resultado mostrou-se independente do período cursado. Acredita-se que, apesar dos estudantes entenderem que a ideia principal do Teste de Progresso é ser utilizado como uma ferramenta de autoavaliação, há desconhecimento sobre a importância e valiosidade de se autoavaliar. Deve ser levado em conta que o curso de Medicina do UNIFESO pratica um currículo integrado, onde o PBL (Aprendizagem Baseada em Problemas) é uma das metodologias ativas de ensino-aprendizagem

implantadas. Neste, a aquisição de conhecimento se "torna um espiral", não sendo mais "dividida" e "compartimentalizada em caixinhas", como no método tradicional. Assim, cada tema visto pelo estudante não será trabalhado todo de uma só vez, o que demanda mais momentos para o assunto se esgotar e ser apreendido de forma permanente. Visto isso, é de extrema importância a avaliação da formação médica do estudante como um todo. Não deixando que ele seja avaliado somente pelas provas de temas específicos abordados no período atual como o Teste de Progresso tem potência para fazer, de modo que todos entendam a importância dessa ferramenta avaliativa para a carreira médica.

Desta forma, a análise dos resultados obtidos da aplicação do questionário permitiu-nos refletir sobre estratégias de motivação discente para serem empregadas no curso e avançar no sentido de qualificar o uso do Teste de Progresso como ferramenta de avaliação formativa discente. Um dos dados mais expressivos e que mostra o quanto o TP já faz parte do calendário do curso e do dia a dia dos discentes é a taxa de adesão que varia de 70 a 80% nas oito edições, índice considerado alto e 30 pontos percentuais acima da média Institucional. Esse índice subiu ao longo dos anos de aplicação do teste de progresso graças a divulgação e sensibilização. Em outras palavras, a adesão é proporcional a intensificação da sensibilização do aluno sobre a importância do TP. Deve-se considerar que a aprendizagem baseada em problemas faz parte do contexto da avaliação formativa, na qual o estudante tem um olhar reflexivo sobre aquilo que se estuda e se aprende. Dado isso, optamos por analisar se os estudantes compreendiam o contexto de avaliação formativa no qual se encontravam no currículo de medicina. Perguntamo-nos o que eles pensavam da ABP quando comparada as demais formas de avaliação no processo de aprendizagem.

Abaixo, os resultados obtidos.

Figura 1: Seu curso de medicina usa o teste de progresso. Isso é um avanço em relação aos cursos que não utilizam esta ferramenta avaliativa?

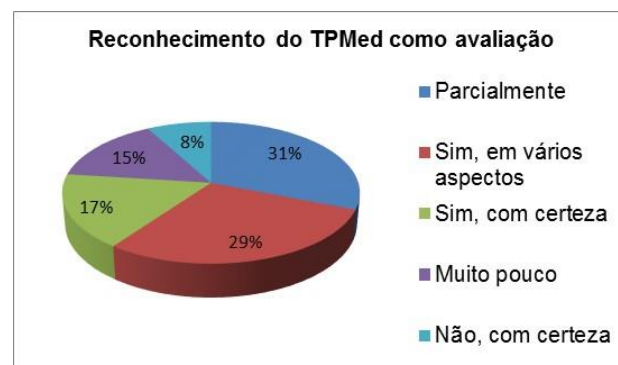
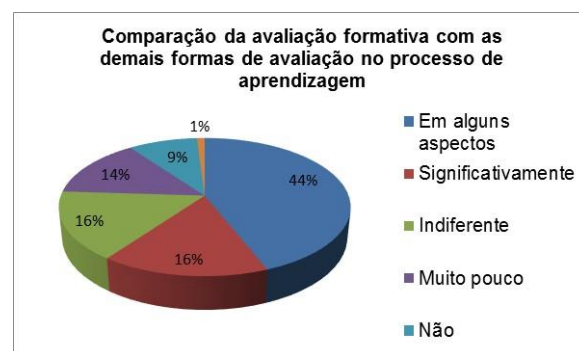


Figura 2: A avaliação formativa, comparada às metodologias de avaliação utilizadas no ensino tradicional é melhor?

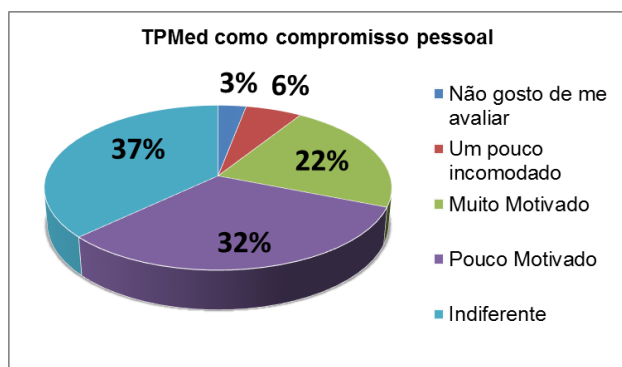


Como pode ser observado nas figuras acima, 46% dos discentes reconhecem o TP como avanço na forma de avaliação no curso de Medicina, quando comparado a outras instituições de ensino que não o realizam. Já na figura 2 percebe-se que 44% dos discentes participantes reconhecem pontos positivos na avaliação formativa se comparada à outras formas de avaliações. Demonstrou-se que mesmo tendo uma formação somativa na vida escolar, ao entrar na faculdade e se deparar com a espiral construtivista da aprendizagem baseada em problemas, grande parte dos estudantes consegue se adaptar e perceber a vantagem dessa metodologia. É possível suspeitar que os estudantes compreendem o

conceito de avaliação formativa e seu papel no aprendizado.

Partindo desse princípio, propusemos estratégias de ação. Estratégia 1: buscar novos métodos de sensibilização do discente e fazer com que ele saiba a importância do TP para o currículo médico. Nitidamente percebe-se que os alunos reconhecem o TP como ferramenta de auto avaliação, dado constatado pela pergunta:

Figura 3: “Ao saber que o teste de progresso é sabidamente um compromisso de você para com você mesmo, sem nenhuma outra forma de pressão, como você se sente?”.

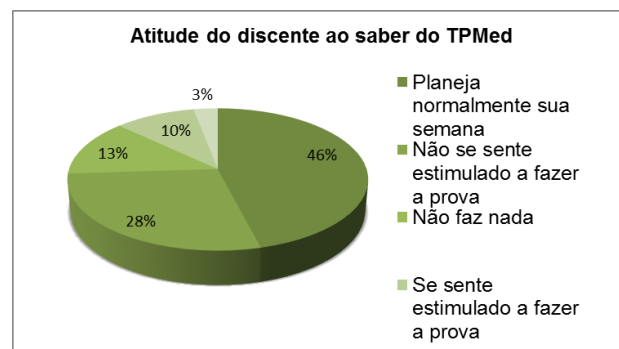


Apesar da boa adesão ao teste de progresso, a auto avaliação ainda é sentida de maneira negativa como mostra o gráfico. Esses dados deram origem a:

Estratégia 2: Vincular a auto avaliação à prática necessária na formação. Os alunos devem se auto avaliar não somente com o Teste de Progresso, mas também a partir das outras avaliações, através das discussões das situações problemas em tutoria, ser estimulados a lerem suas respostas utilizando do senso crítico, visando assim aprimorar seu desempenho acadêmico.

A estratégia número 3 foi baseada na pergunta cujos resultados expressam-se no próximo gráfico.

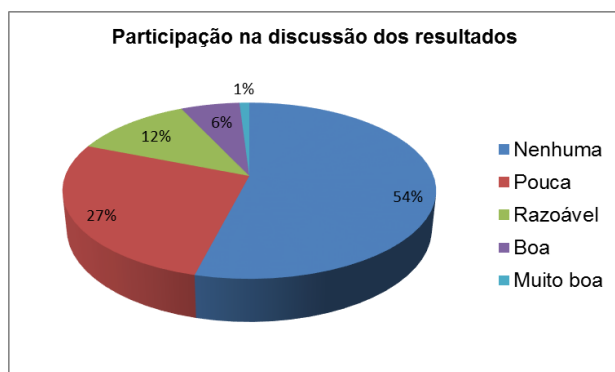
Figura 4: “ Ao saber a data em que o Teste de Progresso será aplicado no Curso, você :”.



Analisando as respostas foi possível realizar esses gráficos e perceber que os 28% menos estimulados com a realização do teste estão concentrados nos períodos finais da graduação, demonstrando que o internato tem menos interesse em se auto avaliar quando comparado aos períodos iniciais. Esse desinteresse pode estar relacionado tanto a menor disponibilidade de tempo, pois os últimos anos do curso apresentam uma carga horária mais extensa ou também ao temor em se auto avaliar na véspera da sua formação. Porém, como a auto avaliação melhora o desempenho discente, é de extrema importância que consigamos fazer que os estudantes compreendam que ao realizar o TPMed eles também se preparam para concursos, residências médicas e o dia a dia de trabalho.

Estratégia 3: sensibilizar os formandos para se auto avaliar, visto que isto auxilia no preparo para concursos, residências e dia a dia de trabalho. A sensibilização pode ser feita ao demonstrarmos que alunos que se auto avaliam frequentemente obtêm melhores desempenhos em concursos. Quando perguntados sobre sua participação nas sessões de discussão das questões do TP, os estudantes reconhecem a sua ausência. Refletindo-se assim sobre a qualidade da discussão das questões, visto que com uma ampla frequência ao teste, não se observa falta de compromisso com o TPMed, do ponto de vista do discente. A figura abaixo mostra esses resultados:

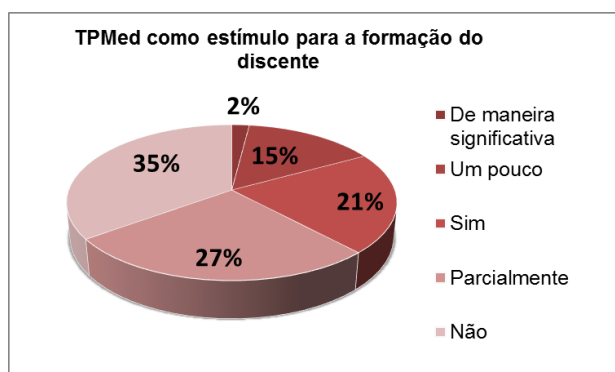
Figura 5: Resultados da estratégia 3



Estratégia 4: desenvolver programa de discussão com metodologia e horário atrativo ao discente. Dessa forma os discentes discutirão cada questão com um Professor, o qual saberá explicar de forma clara cada alternativa e assim o aluno identifica seu erro e resolve suas dúvidas de forma mais simples e concreta.

A partir da pergunta: “ Você acha que o TP estimula o estudante a se empenhar mais em sua formação?” percebemos que 65% dos discentes relacionam o TP com algum nível de estímulo para seus estudos, conforme figura a seguir:

Figura 6: Resultados da estratégia 4



Estratégia 5: Vincular a análise e acompanhamento do resultado do TP com a elaboração de planos de estudo individuais “estudante centrado”. Um aluno com senso crítico, que ao analisar seu resultado do TPMed saberá dizer em que áreas pode melhorar seu

desempenho e assim criar um plano de estudos, uma grade de horário para isso.

CONCLUSÃO

Os discentes conhecem a metodologia da sua instituição de ensino, sabem valorizá-la e identificar suas necessidades. Através das medidas de sensibilização a autoavaliação, notou-se que cada vez mais eles reconhecem a importância em se auto avaliar. Entretanto, é necessário refletir a respeito das razões que levam os períodos do internato ao desânimo com o TP. Da mesma forma, fica claro que indicam ser fundamental realizar uma mudança no modo de discussão dos resultados do teste.

Percebe-se a necessidade de investir em estratégias incentivadoras da auto avaliação. Espaços de reflexão sobre conhecimentos, habilidades e atitudes são necessários pois tornar-se mais difícil esta prática, fundamental para alcançar-se a mudança preconizada nas DCNs. Investir e acreditar no TP como ferramenta formativa de avaliação centrada no médico em formação é insistir para que estes não percam a “porosidade”-sensibilidade à autoavaliação permanente.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA J. V. O processo de implementação das Comissões Próprias de Avaliação (CPAs): ações desenvolvidas e perfil dos coordenadores. In: RISTOFF, D.; ALMEIDA J. V. (Orgs). Avaliação participativa, perspectivas e desafios. p. 39-56, *Brasília: INEP*, 2005.
2. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA, Projeto ABEM 50 anos: Dez anos das diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em medicina, 2012 Disponível em: <http://www.abem-educmed.org.br/pdf/50anos.pdf>
3. BERBEL, N. N. Problematização e Aprendizagem Baseada em Problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? *Interface - Comunicação*,

- Saúde e Educação*, v.2, n.2, p. 141 – 154, 1998.
4. BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
 5. HOFFMANN, J. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre; Editora Mediação, 2009.
 6. LAMPERT, J. B.; AGUILAR-DASILVA, R. H.; PERIM, G. L.; STELLA, R. C. R.; ABDALLA, I. G.; COSTA, N. M. S. C. Projeto de avaliação de tendências de mudanças no curso de graduação nas escolas médicas brasileiras. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 33(1), p. 5-18, 2009
 7. LANNES, D.; VELLOSO, A. Avaliação formativa: revendo decisões e ações educativas. Disponível em: http://www.educacaopublica.rj.gov.br/oficinas/ed_ciencias/avaliacao/scripts/avaliacao_formativa.pdf . Acessado em: 17/09/2014
 8. LIMA, V. V. Competências: distintas abordagens e implicações na formação de profissionais de saúde. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, v. 9, n. 17, p. 369-379, 2005.
 9. LUCKESI, C. *A avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1995.
 10. MEC, 2001, Resolução CNE/CES nº 4, de 7 de novembro de 2001, “*Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Medicina*” disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991:diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao, acessado em 17 de setembro de 2014 às 19:27h.
 11. MEC/CONAES. *Diretrizes para a avaliação das instituições de educação superior*. Brasília, 2004.
 12. MINAYO, M.C.S. (org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 21a edição, 2002.
 13. MIRANDA, J. F. A.; MORGADO, F. E. F.; VILLAS BOAS DE MORAES, M. B.; OLIVEIRA, M. C., *Teste de Progresso e Avaliação do Desempenho Discente: diferenciais do Programa de Auto Avaliação Institucional do UNIFESO*, trabalho apresentado, aprovado e publicado nos anais dos Seminários Regionais de Avaliação SINAES, Brasília, 2013, disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_institucional/seminarios_regionais/trabalhos_regiao/2013/sudeste/eixo_2/teste_processos_avaliacao_docente_programa_autoavaliacao.pdf
 14. MORGADO, F.; BARBOSA, N. M.; MOTA E. F. R. O.; Criando, validando e aplicando testes de progresso nos cursos de engenharia do UNIFESO. *COBENGE, Belém-Pará*, 2012. Disponível em: <http://www.abenge.org.br/CobengeAnteriores/2012/artigos/102426.pdf> . Acessado em: 17/08/2014 às 14:15.
 15. PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas*. Porto Alegre: ArtMed, 1999.
 16. PRÓ-SAÚDE- Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde, SGTES, Ministério da Saúde, 2005. Disponível em: <http://www.prosaude.org> Acessado em: 17/09/2014 às 20:34
 17. QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. *Manual de investigação em ciências sociais*. 3ª ed. Lisboa: Gradativa, 2003.
 18. SAKAI, M. H.; FERREIRA, O. F. F.; MATSUO, T. Avaliação do crescimento cognitivo do estudante de medicina: aplicação do teste de equalização no teste de progresso. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v.35(4), p.493-501, 2011
 19. SAKAI, M. H.; FERREIRA, F. O. F.; ALMEIDA, M. J.; MASHIMA, D. A.; MARCHESE, M. C. Teste de Progresso e avaliação do curso: dez anos de experiência da medicina da

Universidade Estadual de Londrina.
Revista Brasileira de Educação Médica, v. 2, p. 32, 2008.

20. SINAES. *Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior: da concepção à regulamentação*. 4. ed. ampl. Brasília: INEP, 2007.

21. SOOD, R., SINGH, T., *Assessment in medical education: Evolving perspectives and contemporary trends*. National Medical Journal of India, v. 25(6), p. 357-64, 2012 Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23998869> .

Contato:

Nome: Mariana Beatriz Arcuri
e-mail marianaarcuri@yahoo.com.br